

A infecção por Zica Vírus em população pediátrica no Brasil: um estudo epidemiológico

Marcos Vinicius Teixeira Martins¹; Alessandra Akemi Cury Satokata²; Henrique Antônio Alves de Castro¹; Isabela Costa Machado¹; Caroline Coutinho Horácio Alves²; Mateus da Silva Ferro¹; Veronica Perius de Brito¹; João Victor Aguiar Moreira¹; Caio Augusto de Lima³; Tatiyca Calegari⁴

¹ Graduando(a) em Medicina pela Faculdade de Medicina (FAMED) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

² Graduanda em Biomedicina pelo Instituto de Ciências Biomédicas da UFU

³ Mestrando em Ciências da Saúde FAMED - UFU

⁴ Doutora em Ciências. Professora Adjunta do Curso de Graduação em Enfermagem - FAMED - UFU

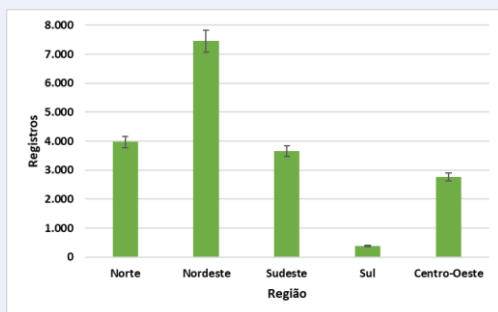
Introdução: A infecção aguda por Zica Vírus, disseminada pelos vetores *Ae. Aegypti* e *Ae. Albopictus*, apresenta-se frequentemente de forma branda e pode ser caracterizada principalmente pela presença de exantemas maculopapulares pruriginosos e febre intermitente. Entretanto, pode estar associada também a casos de microcefalia e de manifestações neurológicas.

Objetivo: Realizar uma análise epidemiológica e socioespacial das infecções por Zika Vírus em pacientes pediátricos no Brasil de 2017 a 2019.

Métodos: Estudo observacional, descritivo, a partir de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do Ministério da Saúde.

Resultados: Registraram-se 17.876 casos, 5.959 ($\pm 24,98$) em média por ano, 59,03% ($\pm 0,83$) confirmados via clínico-epidemiológica e os demais por critérios laboratoriais. Já a média mensal acumulada foi de 1.518,75 ($\pm 8,58$) casos, chegando a 2.278,33 ($\pm 1,34$) entre março e maio, e a 867,75 ($\pm 2,17$), de setembro a dezembro. Por região, o destaque vai para o Nordeste com 40,88% ($\pm 0,72$) do total de notificações. Norte, Sudeste, Centro-Oeste e Sul corresponderam a 21,77% ($\pm 0,60$), 20,07 ($\pm 0,58$), 15,14% ($\pm 0,52$) e 2,13% ($\pm 0,21$), respectivamente.

Gráfico 1: Distribuição por região dos casos de infecção por Zica Vírus



43,82% ($\pm 0,72$) dos casos eram referentes a idades entre 0 e 4 anos, 27,60% ($\pm 0,65$) entre 5 e 9 anos e 28,58% ($\pm 0,66$) entre 10 e 14. Em 0,92% ($\pm 0,17$) das notificações constatou-se o óbito, destes, 11,81% ($\pm 6,03$) eram diretamente associados ao agravo.

Conclusão: Apesar de ser uma doença relativamente simples de se manejar, nota-se que as deficiências no âmbito de controle do vetor e educação popular em saúde ainda impactam negativamente. Além disso, a não uniformidade dos registros em cenário nacional pode ser um indicio das disparidades estruturais do sistema de saúde e climáticas. Por fim, ressalta-se que é preocupante as incidências elevadas entre 0 e 4 anos de idade, em virtude da maior possibilidade de quadros graves, de forma que as estratégias nacionais devem focar principalmente nessa população.